



Revista Linguasagem - 15ª Edição / www.lettras.ufscar.br/linguasagem

O BLOG COMO UM HIPERGÊNERO CONSTELAR

Gislaine Gracia Magnabosco¹

Introdução

Com o advento da Internet e de seus gêneros digitais, houve uma transformação tanto na produção quanto na divulgação de conhecimentos. Agora, qualquer usuário, munido de um computador ou de um celular conectado à Internet, pode, além de acessar diversas informações em sítios variados, produzir e divulgar seus próprios textos.

Essas alterações foram impulsionadas não só pela gratuidade no fornecimento como, e principalmente, pela simplificação na interface desses gêneros, favorecendo sua popularização e ampliação funcional. O *blog*, por exemplo, antes utilizado como lista de *links* e *sites* interessantes para serem consultados - como notas de atalhos para navegação (MARCUSCHI, 2005), tem sua função ampliada e passa a ser utilizado nas mais variadas áreas do conhecimento e para as mais diversas finalidades. Contudo, essa expansão ocasionou divergências, por parte dos teóricos, quanto à conceituação do mesmo.

Assim, neste trabalho, pretende-se primeiramente mostrar como duas usuais concepções de *blog*: “diário *online*” (LOBO, 2007; MARCUSCHI, 2005,2008; SCHITTINE, 2004) e “suporte textual” (DANTAS;GOMES, 2008; PEREIRA,2007), não conseguem mais contemplar a heterogeneidade das práticas na *blogosfera*. Posteriormente, busca-se defender a conceituação de *blog* como um *hipergênero constelar*.

É preciso ressaltar, desde já, que os estudos acerca dos gêneros digitais estão “caminhando”; deste modo, a reflexão aqui proposta não pretende ser exaustiva, uma vez que se reconhece que muito ainda há para ser estudado nesta área.

Blog como diário online

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos, linha Texto e Discurso, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gigracia@hotmail.com

Ao observarmos alguns trabalhos que versam sobre o *blog*, constatamos que muitos autores o conceituam como um gênero “no qual as pessoas escrevem sobre si mesmas, sobre suas vidas e ações cotidianas, [possuindo] um caráter intimista” (HEINE, 2008, p.162), se inscrevendo, então, “na categoria dos gêneros autobiográficos, juntamente com as cartas, as autobiografias e as memórias” (BATISTA, 2008, p.105), sendo “muito praticado pelos adolescentes²” (MARCUSCHI, 2008, p.202), principalmente, mulheres³.

Para Hewitt (2007, p.101), “as mulheres tem uma tendência ligeiramente maior que os homens em criar *blogs*”, isso porque “desde o final do século XIX, os diários faziam parte do conjunto de normas de etiqueta usado na educação de garotas” (OLIVEIRA, 2002, p.29), contribuindo, assim, não só para sua formação pedagógica como também para a busca de estabilização das crises de sua existência (LOBO, 2007, p.80).

Neste sentido, o *blog* se constituiria como uma importante ferramenta de expressão feminina “alinhada à nova realidade contemporânea, mais calcada na exposição e na visibilidade do que na interioridade e na privacidade” (BATISTA, 2008, p.111), funcionando “como uma dramatização pedagógica para a existência” (LOBO, 2007, p.56), como um prolongamento de si, através do Outro, já que “no fundo, todos querem ler sobre si mesmos (...) [querem] se ver refletido [no Outro] como um espelho” (SCHITTINE, 2004, p.151).

Será essa identificação com o Outro, materializada pelo número de comentários e visitas de um *post* bem como pela constituição de comunidades virtuais conectadas por interesses em comum, que transformará o *blog* em “uma ‘econômica’ terapia em grupo via internet” (KOMESU, 2005. p.49).

Porém, é preciso ressaltar que a formação de comunidades não se dá exclusivamente via *blogs confessionais* (diários), há outros *blogs* (educacionais, regionais, políticos, midiáticos, entre outros) que também se propõem à construção de comunidades ligadas não só por meio de conexões mútuas (*blogroll*), como também, pelo debate em torno de temas e interesses afins.

Assim, é preciso repensar acerca dessa conceituação de *blog*, tão difundida por alguns teóricos, como diário *online*. Se observarmos atentamente a atual *blogosfera* esta definição não consegue mais abarcar - seja pela defesa de uma prática imanentemente feminina, seja pelo cunho confessional - a grande heterogeneidade das práticas *blogueiras* atualmente existentes.

² Felis (2008, p.29) comenta que os diários virtuais já se tornaram uma ferramenta muito popular entre os jovens e já fazem parte de sua vida cotidiana. De acordo com dados obtidos em uma pesquisa informal realizada com 180 alunos de sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental de uma escola particular da cidade de Maringá, constatou-se que 68,7% deles se declararam cativos dessa ferramenta no cotidiano de suas interações via *web*, sendo que 74% desses *blogs* eram de meninas.

³ Herring et.al. (2004, *online*), após uma pesquisa realizada quanto a utilização do *blog*, comentam que “*the results of the analysis of gender and age indicators reveal that the numbers of males and females, and of adults and teens, are roughly equal*”. (“os resultados da análise de indicadores de gênero e idade revelam que o número de homens e mulheres, adultos e adolescentes, são aproximadamente iguais” - tradução nossa).

Neste sentido, concordamos com Primo (2008) que “o uso da interface de *blogs* para a escrita íntima e sigilosa é apenas um entre tantos processos interativos possíveis na blogosfera. Logo, definir *blog* como diário íntimo online é capcioso e reducionista” (idem, p.122). Vejamos, então, a concepção de *blog* como suporte.

***Blog* como suporte textual**

De acordo com Marcuschi (2003), um suporte⁴ textual seria um *locus* físico ou virtual, com formato específico, que serviria de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.

Neste sentido, para muitos autores⁵, o *blog* encaixar-se-ia nesta concepção por nele se encontrarem diferentes gêneros, o que, então, inviabilizaria sua definição como um gênero específico, aproximando-o muito mais de um suporte para a materialização de diversos gêneros (PEREIRA, 2007).

Essa posição também é defendida por Dantas e Gomes (2008) que comentam que, embora os *blogs* tenham surgido como gêneros da esfera digital/virtual, construídos sobre o gênero primário ‘diário íntimo’, eles aos poucos foram se complexificando e perdendo o estatuto de gênero, para se tornar um suporte.

Nosso propósito é defender que os *blogs* se caracterizam muito mais como suportes convencionais de textos do que como gêneros. Em primeiro lugar, porque, em um sítio desse tipo, diversos gêneros discursivos se fazem presentes em cada uma de suas partes. O *blog* comum possui diversos gêneros diferentes em sua apresentação como uma página, como por exemplo, índices, enquetes, links, banners. (...) Além de, nos comentários, aparecerem artigos de opinião, relato, etc. (DANTAS;GOMES, 2008, p.09-11)

Os autores embasam sua classificação também no conceito de suporte de Marcuschi (2003), principalmente no reconhecimento das semelhanças deste com as *homepages* que o autor (idem, p.25) classifica como suportes e não gêneros⁶. É importante destacar que Dantas e Gomes tem como base de análise o *blog do Tas*⁷, um *blog* que não está fixado em uma plataforma de

⁴ Por contribuir para a seleção dos gêneros que ali seriam fixados, determinando, inclusive, sua forma de apresentação; o suporte não seria neutro. É por isso que Souza (2007) defende ser o suporte o grande “responsável por condicionar as marcas estilísticas, a constituição, o formato, o caráter estático ou dinâmico de determinado gênero” (idem, p.02), sendo que este “sempre será identificado na relação que mantém com o suporte” (SOUZA, 2009, *online*). Assim, para ele, não é possível falar de um gênero se não tratarmos de seu suporte, até porque, “o suporte é relevante na interação do leitor com o texto (...) [contribuindo] para a construção de seu sentido” (COSTA, 2008, p.193).

⁵ Em trabalho anterior também já se defendeu a concepção de *blog* como suporte (MAGNABOSCO; ROMUALDO, 2009). Contudo, como se verá, não se mantém mais tal posicionamento.

⁶ Nesse sentido é importante destacar que tal posicionamento não é mais mantido em Marcuschi (2008), já que o autor defende que “a *homepage* é um gênero bem estabelecido, [sendo] o *site* o suporte” (idem, p.186).

⁷ <http://marcelotas.blog.uol.com.br/>

publicação de *blogs* (como por exemplo, o *blogger*, o *pitás*), mas sim, que está localizado em um *link* (<http://entretenimento.uol.com.br/blogs> ou <http://blog.uol.com.br>.) da *homepage* do UOL.

Para Bezerra (2007) as *homepages*⁸ podem ser vistas como um gênero introdutório, ou seja, gêneros textuais que, no corpo físico ou virtual de um determinado suporte, usualmente se agregam ao gênero ou gêneros principais como uma proposta de leitura prévia, em termos de orientação, resumo e promoção da leitura dos gêneros que são 'introduzidos'.

Neste sentido, as *homepages* possuiriam duas funções principais: introduzir os usuários ao conteúdo geral do *site* e funcionar como porta de entrada oficial para o *website* e, por serem "confeccionadas com base em um modelo genérico que padroniza e convencionam a criação das mesmas" (SADE, 2007, p.1247), já haveria um consenso sobre alguns elementos formais (e interativos) comuns entre elas, como, por exemplo, no caso das institucionais ou corporativas: *logotipo*, título de janela, enquetes, informações de contato, política de privacidade, informações sobre a instituição, ferramenta de pesquisa, ajuda, publicidade, menu ou barra de navegação (ARAUJO, 2003), e no caso das pessoais: título, endereço eletrônico do autor, data da última atualização, menu de conteúdo, data de criação da *homepage*, *hiperlinks* externos, mensagem de boas vindas, gráficos, fotografias, entre outros (MARSHALL, 2005).

Percebe-se, assim que, a *homepage*, como outros gêneros digitais, se caracteriza por uma *hibridização* advinda não só do suporte (*software*) que a sustenta, como também por estar inserida na grande rede. Neste sentido, acreditamos que a caracterização do *blog* do *Tas* como um suporte não se sustenta, uma vez que, por estar acoplado a *homepage* do UOL, este *blog* acaba por trazer as características constitutivas deste gênero, como por exemplo, os *banners*, os índices, os *links*, entre outros; que são as categorias utilizadas pelos autores para sustentar a classificação do *blog* como um suporte. Além disso, é preciso ressaltar que a comparação com a *homepage*-suporte de Marcuschi (2003) não se sustenta mais em Marcuschi (2008).

O software como o suporte do *blog*

Souza (2008) comenta que a maior parte das pesquisas sobre gêneros digitais não faz menção aos *softwares* em que esses gêneros são aportados, contudo,

muitas das particularidades vistas em um gênero digital, por exemplo, a hipertextualidade⁹, a hipermodalidade¹⁰, o caráter não linear, a capacidade de um suporte acoplar a si outros gêneros (...) só são observáveis se

⁸ Para Araújo (2003), já há *cristalizado* dois sub-gêneros de *homepages*: *pessoais* e *corporativas* ou *institucionais*; que, de maneira geral, podem ser vistas como um exemplo de gênero introdutório mediado pela rede *www*.

⁹ Por hipertextualidade o autor entende uma "estrutura não-sequencial ou não linear de acesso (através de links) e escrita de informações" (idem, p.04).

¹⁰A hipermodalidade para o autor pode ser entendida como "as partes constituintes de qualquer organismo que se uma a uma interface de *software* (desde uma imagem, até uma animação em *flash* ou um vídeo)" (idem, p.04).

considerarmos a estrutura que os sustenta, que os tornam visíveis e operáveis. (idem, p.02)

Neste sentido, para o autor, a defesa da tela do computador como suporte (CHARTIER, *apud* SOUZA, 2008) não se sustenta uma vez que traz em seu bojo a ideia de homogeneização, o que em tese, traria homogeneidade aos gêneros suportados, inviabilizando o estudo do estilo de um gênero digital, já que não poderíamos admitir toda a heterogeneidade e a particularidade de cada gênero. É por isso que o autor defende que

o *software* seja o suporte dos gêneros digitais, funcionando a tela como canal. A tela possui um dispositivo, que recebe sinais da CPU, chamado de ‘canhão de elétrons’. As intensidades desses sinais são transmitidas e decodificadas pelo ‘controlador de vídeo’, que comanda a voltagem do canhão de elétrons e sincroniza o sistema de placas defletoras (...) Desse modo, a tela funcionaria como o canal em que as informações oriundas do computador são mostradas. (SOUZA, 2009, *online*)

A consideração, então, da tela como canal, do computador como veículo (SOUZA; CARVALHO, 2007), e do *software* como suporte, auxilia na compreensão da heterogeneidade dos gêneros digitais existentes, inclusive para a ocorrência de um mesmo gênero em suportes digitais diferenciados¹¹ ou de mais de um gênero em um mesmo suporte. O que é explicado pela natureza hipertextual do *software*, responsável não só pela diferenciação na forma de apresentação do gênero (como por exemplo, o *blog* acoplado ao *blogger* ou em uma *homepage* - suportes diferentes) como também na possibilidade de materialização de mais de um gênero ao mesmo tempo (como por exemplo, em uma plataforma *web*, a possibilidade de materialização de traços da *homepage* (*banners*, ícones) no *blog* que nela se insere - como no *blog* do *Tas*).

O *blog* como um hipergênero constelar

Antes de iniciarmos nossas considerações acerca do que entendemos por *hipergênero*, realizaremos um breve retrospecto do conceito de gênero textual.

Bakhtin (2003) defende que todos os campos da atividade humana são formados por um repertório de gêneros que lhes são próprios. Neste sentido, a língua efetuar-se-ia na forma de enunciados (orais ou escritos), *relativamente estáveis* que, por apresentarem determinado conteúdo (temático), estilo de linguagem e construção composicional, refletiriam as condições específicas e as finalidades de cada referido campo.

Nesse sentido, para Bakhtin, todo o nosso discurso moldar-se-ia na forma de gêneros, que seriam “mediadores das atividades sociais” (BAZERMAN; PRIOR, 2007, p.167), operando como

¹¹ Os autores defendem a existência de vários *softwares* que funcionam ora como um suporte protótipo (como o *software* do *blogger*, por exemplo) ora como um suporte não protótipo (como as *plataformas web*, por exemplo).

“ponte entre discurso (uma atividade mais universal) e texto (peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável)” (DELL’ISOLA, 2007, p.1696) e que condicionariam e limitariam nossa ação na escrita (MARCUSCHI, 2008).

Por estarem ligados ao momento histórico-social em que surgem e circulam, os gêneros “não se configurariam como entidades estáticas e puras” (MARCUSCHI, 2006, p.25); seriam entidades dinâmicas (MARCUSCHI, 2008) que poderiam sofrer alterações, inovações, hibridismos; o que levaria, então, à necessidade de compreendê-los “dentro dos sistemas e das circunstâncias para as quais são desenhados” (BAZERMAN, 2006, p.22). Assim, no processo de sua identificação e conceituação, far-se-ia necessário observar “sua função, organização, conteúdo, meio de circulação, atores sociais envolvidos, atividades discursivas implicadas” (MARCUSCHI, 2006, p.26) que contribuiriam para as distinções entre os diversos gêneros existentes.

No caso do *blog*, que “nasce em novo domínio discursivo, mais especificamente na esfera digital” (COSTA, 2009, p.23), essas observações são fundamentais, já que ele traz em sua constituição um hibridismo próprio da rede e das possibilidades tecnológicas da hipermídia, que repercutirá em uma constituição genérica particular.

Assim, ao analisarmos o *blog*, observaremos que ele, à semelhança de outros gêneros (tradicionais ou digitais), não é puro, trazendo, pois, em sua própria constituição a emergência de outros gêneros que se somam a ele, para lhe constituir hipertextualmente. Desta forma, defendemos que o *blog* seja um *hipergênero*.

O termo *hipergênero* não é novo. Bonini (2003a, 2003b), por exemplo, já usou esse termo ao se referir a alguns gêneros que compreenderiam vários outros, servindo como suporte desses. Para o autor, as revistas, os jornais seriam exemplares de *hipergêneros*, porque seriam, simultaneamente, grandes gêneros que suportariam e se constituiriam por outros gêneros.

É preciso ressaltar, contudo, que em nossa acepção, não entendemos *hipergênero* tal qual postulado por Bonini, uma vez que, como defendido anteriormente, acreditamos que os *blogs* (como os demais gêneros digitais) sejam *suportados* por *softwares* que, inclusive, são os grandes responsáveis por lhe darem características hipermediáticas.

Para nós, o termo *hipergênero* estaria relacionado à própria realidade tecnológica (baseada na interconectividade), que sustentaria o advento de gêneros variados que, por sua vez, repercutiriam, em sua própria constituição, o hibridismo próprio da rede.

Assim, ao conceituarmos o *blog* como um *hipergênero*, o entendemos como um gênero virtual ou digital que, por *alocar-se* em um *software hipermediático*, se configura como um gênero híbrido, formado pela junção (sobreposição) de outros gêneros (materializados ora explicita ora implicitamente por meio de *links*) que convergiriam, coerentemente, para sua constituição formal, funcional e interacional.

Neste sentido, entendemos que o *blog* seja formado a partir: **1)** do *post* inicial (que por sua vez traria uma diversidade de gêneros: depoimentos, desabafos, contos, comentários,

reportagem, entre outros); 2) dos *links* dos *comentários*¹² (que, também, podem trazer uma diversidade de gêneros: debate, discussão, conversa, opinião); 3) dos *links* que levam a outros sítios (como ao *perfil* do (a) mantenedor (a) do *blog*; a *links patrocinados*, ao *blogroll*, aos *posts* anteriores, *links* para contato, *links* de imagens (animações, vídeos), entre outros); que, se conectariam, para formar um único gênero.

Além disso, pela grande utilização nas mais variadas instâncias e para os mais variados fins, não é mais admissível defender a existência de um único tipo de *blog*. Há *blogs* educacionais, políticos, regionais, midiáticos, entre outros que, mesmo divergindo em relação às temáticas e interesses, mantêm traços estáveis que permitem irmaná-los (como, por exemplo, a estrutura composicional, seu contexto de uso, a escrita mais subjetiva e menos monitorada, o compartilhar de pontos de vistas, a interação por meio de *links*, entre outros). Nesse sentido, entendemos que o *blog* seja um hipergênero organizado em *constelação*.

Araújo (2010) utiliza esse termo para analisar os *chats* da *web*. Para ele, um gênero organizado em *constelação*, seria um gênero maior ('gênero mãe') a partir do qual outros 'gravitariam'. Assim, embora divergissem em suas respectivas funções sociais, esses gêneros seriam cognatos, uma vez que trariam marcas do 'gênero mãe', o que os tornariam membros de uma mesma *constelação* genérica, entendendo por *constelação*

um conjunto de gêneros que são irmanados pela relação genérica que existe entre eles, ou seja, todos pertencem à mesma família e, por isso, são variedades de um único gênero que, por ser complexo, atende a propósitos comunicativos distintos. (...) O fato de serem membros de uma constelação, no entanto, não tornam homogêneos esses gêneros. Cada um possui seu 'brilho' próprio e atende a uma função social distinta. (ARAÚJO, 2010, p.04)

Por meio desse conceito fica mais fácil entendermos a grande heterogeneidade da *blogosfera*, inclusive, das diversas classificações dos *blogs* - que ora são distribuídos tendo em vista os tipos de publicação ("diário eletrônicos, publicações eletrônicas, publicações mistas" (RECUERO, 2004)), ora tendo em vista critérios sociais (motivações pessoais, profissionais ou institucionais (FUMERO, 2010, *online*)), estruturais (*intrablogs*, *extrablogs* e *isoblogs* (FUMERO, *idem*)), autorais (*blogs* com um único autor, com mais de um autor), entre outros.

Considerações Finais

Por todo o exposto, foi possível observar que não é admissível conceituar o *blog* como, unicamente, um *diário online*, nem, tampouco, dizer que ele é, simplesmente, um *lôcus* para a ocorrência de outros gêneros, desconsiderando, desta forma, todos os diferentes suportes (*softwares*) existentes, que além de permitirem sua emergência podem alterar sua forma de manifestação.

¹² Como lembra Primo (2008) o *link* de comentários é opcional, já que há a possibilidade de ativá-lo ou não.

Assim, neste estudo, optamos por considerar o *blog* como um *hipergênero constelar* materializado por um *software* (ora um programa de hospedagem – *blogger, pitas*; ora por uma plataforma *web* mais geral¹³), que, por possuir *permalinks*¹⁴, pode se apresentar em um local específico na grande rede.

Essa conceituação visa não só reconhecer e valorizar todo o aparato tecnológico que permite a emergência do *blog*, dando-lhe propriedades constitutivas e comunicativas particulares; como também defendê-lo como um gênero genuinamente virtual, ou seja, sem precedentes fora da rede.

Referências

ARAUJO, José Paulo de. Caracterização do cibergênero *homepage* corporativa ou institucional. In: **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão, v.3, n.2, p.135-167, jan/jun 2003.

ARAUJO, Júlio César. **A organização constelar do gênero chat**. Disponível em: www.julioaraujo.com/download/organizacao_constelar_do_chat.pdf. Acesso: 13/04/2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do Discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**, 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATISTA, Patrícia Pereira. Do diário ao *blog* confessional: continuidade ou surgimento de uma nova prática? In: **Contemporânea**, Ed. Especial, v.06, n.03, p.105-118, 2008. Disponível em: www.contemporanea.uerj.br. Acesso: 20/02/2010.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, tipificação e interação**. Organização de Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel (tradutora). São Paulo: Cortez, 2006, p.19-46.

_____; PRIOR, Paul. A participação em mundos socioletrados emergentes: gênero, disciplinaridade, interdisciplinaridade. In: BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2007, p.150-197.

BEZERRA, Benedito Gomes. Gêneros Introdutórios mediados pela *web*: o caso da *homepage*. In: ARAUJO, Júlio César. **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.113-125.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? In: **Linguagem em (Dis)curso**, v.4, n.1, p.205-231, 2003a.

¹³ Entenda-se por 'plataforma web de maneira geral' sites de qualquer tipo, que por serem suportes hipertextuais (MARCUSCHI, 2008) permitem a materialização de diversos gêneros.

¹⁴ *Permalink* é um recurso que permite que cada *post* de um *blog* tenha seu próprio *link*, que aponta diretamente para ele (e não para a página principal do *blog*) apresentando-o no topo da janela do *browser*. (PRIMO;SMANIOTTO, 2010).

..... Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. In: **Revista Delta**, v. 19, n.1, p.65-89. 2003b.

COSTA, Iara Bemquerer. Contribuições ao debate sobre a relação entre gênero textuais e suporte. **Revista Letras**, Curitiba: Editora UFPR, n.75/76, p. 183 - 196, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DANTAS, Daniel; GOMES, Adriano Lopes. Questões de Letramento e de gênero do discurso em *blogs*. In: **Revista Gatilho**, UFJF, ano IV, 2008.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Intergenericidade e agência: quando um gênero é mais que um gênero. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 4, 2007, Santa Catarina. **Anais...**, Santa Catarina, 2007, p.1695-1707.

FELIS, Cláudia Cristina Gatti. **Interação na Internet: os blogs como uma nova forma de usar a linguagem**. Londrina: UEL, 2008, 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

FUMERO, Antonio. **Un tutorial sobre blogs: El abecé del universo blog**. Disponível em: <http://unileon.pbworks.com/f/blogotutorial.pdf>. Acesso: 15/03/2010.

HEINE, Palmira Bahia. Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs. In: **Linguagem em (Dis)curso**, v.8, n.1, 2008, p.149-174.

HERRING, Susan C; KOUPER, Inna; SCHEIDT, Lois Ann; WRIGHT, Elijah L. **Woman and children last: the discursive construction of weblogs**. Indiana: Indiana University, 2004. Disponível em: http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/women_and_children.html. Acesso: 18/04/2010.

HEWITT, Hugh. **Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson do Brasil, 2007.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na Internet**. Campinas: UNICAMP, 2005, 269f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

LOBO, Luiza. **Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MAGNABOSCO, Gislaine Gracia; ROMUALDO, Edson Carlos. *Blog Papo de Amiga - Suporte ou Gênero Textual?* In: Seminário do CELLIP - Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná, XIX, 2009, Cascavel. **Anais...**, Cascavel, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte nos gêneros textuais**. Versão Online, 2003. Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>. Acesso: 20/06/2009.

..... Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In:; XAVIER, Antônio C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

..... Gêneros Textuais: Configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**, 2ª.ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 23-36.

- **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARSHALL, Débora. **Pesquisadores da linguagem no ciberespaço**: um estudo sobre o gênero *homepage* pessoal. Santa Maria: UFMS, 2005, 148f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria:RS, 2005.
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários públicos, mundos privados**. Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações contemporâneas. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002, 214f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea), Universidade Federal da Bahia, Salvador: BH, 2002.
- PEREIRA, Ana Cláudia Barreiro Gomes. Blog, mais um gênero do discurso digital? In: SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 4., 2007, Santa Catarina. **Anais...**, Santa Catarina, 2007, p.516-523.
- PRIMO, Alex. Os blogs não são diários *online*: matriz para a tipificação da blogosfera. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.36, 2008, p.122-128.
-; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaços de conversação**: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. Disponível em: www6.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf. Acesso: 20/01/2010
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**, 2004 Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>, Acesso: 16/09/2004
- SADE, Liliâne Assis. O cibergênero *homepage* e suas funções sociais e comunicativas. In: SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 4, 2007, Santa Catarina. **Anais...**, Santa Catarina, 2007, p.1243-1252.
- SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SOUZA, Aguinaldo Gomes. Gêneros virtuais – algumas observações. In: **Revista Letra Magna** – Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 04, n.07, 2007, p.01-16.
- Software e gênero digital: o caso do e-mail acoplado em uma plataforma www. In: Jornada Nacional de Estudos Linguísticos, XXII, 2008, Maceió. **Anais...**, Maceió, 2008.
- **O suporte dos gêneros digitais**. Versão online. Disponível em: www.souza.pro.br. Acesso: 19/11/2009.
- ; CARVALHO, Eduardo Paulo Monteiro de. Uma noção de suporte virtual. In: **Revista Hipertextus** – Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional: UFPE, v.01, 2007.

Recebido em: 21 de setembro de 2010.

Aceito em: 30 de setembro de 2010.